


Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama
(Organizador)

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

Atena
Editora
Ano 2022

An aerial, black and white photograph of a large group of people walking on a checkered floor. The people are scattered across the frame, with a denser cluster in the lower center. The floor consists of large, light-colored squares separated by dark lines.

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama
(Organizador)

A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
S678	<p>A sociologia e as formações sociais 2 / Organizador Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0829-1 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.291221412</p> <p>1. Sociologia. I. Gama, Hélio Fernando Lôbo Nogueira da (Organizador). II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A coleção “A Sociologia e as Formações Sociais”, agora em seu segundo volume, justifica-se por esta ciência ter sua origem multidisciplinar, aglutinando o que havia de mais avançado em conhecimento filosófico (a dialética hegeliana alemã), político (o socialismo utópico francês) e científico (a economia política inglesa) do século XIX.

A partir dessa matriz, Karl Marx, vão surgir outras, disciplinares, que postularão um caráter científico positivista normativo, Émile Durkheim, como também, na passagem para o XX, a Sociologia compreensiva de Max Weber.

As teorias sociológicas das formações sociais destes, intitulados os “três porquinhos” da Sociologia, estabelecem fundamentos epistemológicos sólidos para uma ciência que possui o objeto de estudos mais ousado e da mais complexa compreensão do que todas as demais: a sociedade em que vivemos.

O conceito de formação social indica um caminho, ao perceber o ambiente societário como construído em suas múltiplas determinações, um *devoir*. Incita os autores do presente livro a buscar, pelas suas finas lentes de seus olhares plurais, debruçarem-se sobre questões teóricas / empíricas relevantes, a partir de seus campos de saber - no sentido de Pierre Bourdieu - e compreender, contextualizar e interpretar diversos objetos de investigação.

Com êxitos inegáveis de contribuições ao edifício do conhecimento, assumem e fazem usos de postulados sociológicos transversais que são a própria razão da Sociologia enquanto ciência mãe, fundamental, perpassando as ciências aplicadas emprestando os seus paradigmas, e, com isso, dialeticamente, garantido legitimidade e reconhecimento a si e às mesmas.

Sociológica, histórica, econômica e antropológicamente, estrutura social como inerente ao conceito de modo de produção significa uma determinada formação econômico-social, em que se sustenta a tese que o conceito, enquanto modelo abstrato que busca abarcar um determinado bloco histórico, tem o sentido metodológico do tipo ideal weberiano que busca a explicação da realidade pela aproximação à construção teórica empreendida.

A atual formação social vislumbra o fortalecimento dos ditames capitalistas e mercadológicos através da reificação do corpo. A corpolatria é disseminada pelos meios de comunicação e mídias. Mais que [re]pensar as práticas esportivas para o desenvolvimento, é preciso [re]pensar o esporte como elemento de emancipação social dos corpos e dos homens.





Na combinação cidadania, educação e trabalho, a extensão da educação a todos se atrelou mais às necessidades econômicas e exigências do processo produtivo vigente e em evolução do que no processo de correção das desigualdades sociais. Para a educação de seus profissionais inteiramente qualificados, o capital sempre prescindiu do Estado, fornecendo suas próprias

demandas, em face de seu caráter estratégico.

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo, tomando-se as transformações recentes do Sertão do Pajeú como referência socioespacial em se que verifica uma microrregião que se encontra em trânsito da opacidade para a luminosidade geográfica, com espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliando.

Boa leitura!

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

CAPÍTULO 1	1
REVITALIZANDO O DEBATE: O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214121	
CAPÍTULO 2	14
ESPORTIVIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE (NOVOS) CORPOS NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI	
Fernanda Ramos Parreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214122	
CAPÍTULO 3	28
OS COMPROMISSOS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA	
Adelcio Machado dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214123	
CAPÍTULO 4	41
SERTÃO! ATÉ QUANDO? COMBATENDO O EFEITO MEDUSA	
Ednaldo Emílio Ferraz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2912214124	
SOBRE O ORGANIZADOR	55
ÍNDICE REMISSIVO	56

SERTÃO! ATÉ QUANDO? COMBATENDO O EFEITO MEDUSA

Data de aceite: 12/12/2022

Ednaldo Emílio Ferraz

Mestre em Ciências- UFRN
Faculdade de Integração do Sertão (FIS)

RESUMO: O presente texto busca inicialmente centralizar discursivamente o termo Sertão, verificar sua significação histórica e hodierna, suas descontinuidade e continuidades, buscando nas fontes mais populares, como a internet (por meio do Google) e dicionários (físico e digital). De quê forma o Sertão é divulgado e apreendido por quem vai buscar informações sobre o Sertão? Após descortinar os riscos, superficialidade e anacronia dessas fontes sobre a semântica do termo Sertão e de como esta região é apresentada pelos textos e imagens em sites. Em seguida buscou-se apresentar as transformações do Sertão do Pajeú, enquanto espaço geográfico urbano, mas também as de cunho sociais, tornando o território gradativamente luminoso, reflexo do avanço técnico-científico-informacional em setores diversos da economia, principalmente nos municípios de maior dinâmica de fluxos (capitais, mercadorias, pessoas...), tomando por base os dados médios do IBGE dos últimos censos (2000 e

2010). Verifica-se avanços, contudo, velhas mazelas ainda persistem, no entanto, o presente trabalho objetivou demonstrar um outro Sertão pouco evidenciado, um novo Sertão. O principal objetivo deste texto é desfazer gradativamente o efeito medusa que o Sertão encontra-se submetido a séculos, iniciando pelo Sertão do Pajeú.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão, Efeito Medusa, Sertão do Pajeú, Transformações.

ABSTRACT: The present text initially seeks to discursively centralize the term Sertão, verify its historical and modern significance, its discontinuity and continuities, searching in the most popular sources, such as the internet (through Google) and dictionaries (physical and digital). How is the Sertão disclosed and apprehended by those who seek information about the Sertão? After revealing the risks, superficiality and anachronism of these sources on the semantics of the term Sertão and how this region is presented by texts and images on websites. Next, we sought to present the transformations of the Sertão do Pajeú, as an urban geographic space, but also those of a social nature, making the territory gradually luminous, a reflection of the technical-scientific-informational advance

in different sectors of the economy, especially in the cities of greater dynamics of flows (capital, goods, people...), based on the average IBGE data from the last censuses (2000 and 2010). There are advances, however, old ills still persist, however, the present work aimed to demonstrate another Sertão little evidenced, a new Sertão. The main objective of this text is to gradually undo the medusa effect that the Sertão has been subjected to for centuries, starting with the Sertão do Pajeú.

KEYWORDS: Sertão. Medusa effect. Sertão do Pajeú. Transformations.

1 | INTRODUÇÃO

O Sertão de escritores e de cientistas sociais como, Caio Prado Júnior (História Econômica do Brasil), Câmara Cascudo (Viajando o Sertão) Josué de Castro (Geografia da Fome), Manuel Correia de Andrade (Terra e o Homem no Nordeste), Celso Furtado (Formação Econômica do Brasil) e de tantos outros ainda existe?

Um Sertão quase sempre do distante ermo de natureza dominada pela sequeidão e pelas cactáceas, onde, o homem tinha apenas três alternativas: sobreviver, se adaptando a natureza, morrer de fome nas grandes estiagens ou abandonar o lugar. Esta pergunta norteadora embora de denotação simples, pois, décadas e até séculos já se passaram desde que alguns daqueles pensadores evidenciaram o Sertão para o resto do Brasil, pois, tudo é dinâmico na cultura material e imaterial, mas a percepção do Sertão permanece estático, imutável, para o resto do Brasil e até para as demais sub-regiões nordestinas.

Uma imagem desoladora (exclusiva) impregnada nas mentes dos brasileiros e nordestinos de um Sertão que perdura “cegando” inclusive o sertanejo que aceita e acredita em tais interpretações.

Ao realizar uma simples busca na internet escrevendo a palavra Sertão no Google (site de busca mais popular) e clicar em imagens, não estranhe se forem apenas imagens relacionadas a seca, a caatinga sem folhagem, as perdas agropecuárias, de famílias numerosas em frente suas casas simples de barro.

Pergunta-se se só existe esse Sertão? Só há secas? Só há fome? Só há abandono do lugar? Só há panelas vazias? Pois, essa é a imagem que em pleno século XXI se tem do Sertão fora do Sertão. Contribuindo com o perpétuo preconceito regional dentro do território nacional.

O Sertão enquanto “unidade regional” do Nordeste, pois tem-se ainda o Agreste, Zona da Mata e Meio Norte, numa perspectiva de totalidade dentro do território, foi quase sempre percebido como um espaço geográfico caracterizado pelo atraso e pelo isolamento, onde, prevalece a rudeza, o analfabetismo, a aspereza, a fome, a pobreza, a valentia, a violência, o coronelismo, a força, o analfabetismo, a resiliência... Rotulação e estigmatização acompanharam (e acompanham) a história interpretativa dessa sub-região do nordeste, todas essas mazelas e outras como resultado das condições naturais, como um determinismo geográfico inevitável. Livros didáticos, telejornais, impressos, livros literários,

música e a pintura, reproduzem o “**velho sertão**” como hegemônico regionalmente.

Pode-se mencionar que pesquisas científicas realizadas pelos programas de graduação e pós-graduação estão desvendando gradativamente esse outro Sertão, principalmente em universidades do Nordeste, como, a UFCG, UFRPE (Serra Talhada), UFRN, UNIVASF dentre outras que desenvolvem pesquisas sobre a pluriatividade, segurança alimentar e novas práticas rurais em propriedades familiares no Sertão (Cimone Rozendo, Fernando Bastos, Ramonildes Alves Gomes, Maria Odete Alves, Shana Sampaio dentre muitos outros pesquisadores) caminhando no sentido de desconstruir essa percepção do atraso sertanejo. No entanto, ainda restrito a um público de pesquisadores interessados pelas temáticas e com alcance que não atinge os populares através das mídias. Contudo, um excelente começo.

Este trabalho se justifica por uma trajetória de vida de observação-reflexão, primeiro de um menino que corria pelas ruas da cidade de Serra Talhada-PE sem calçamento, com esgotos a céu aberto, que andava nas casas de taipa de colegas após as brincadeiras no início dos anos de 1990, de um jovem que embora não tenha passado fome, mas que escutava rotineiramente colegas que iam para a escola pública apenas pelo lanche e a possibilidade de levar algo aos seus irmãos mais novos que ficara em casa, de um jovem que chegou a presenciar saques durante a seca de 1993.

Nas férias percorria os espaços rurais do distrito de Nazaré do Pico (vila muito conhecida por sua História ter relação com Lampião) em fazendas (Várzea do Icó, Fazenda Ema, Pedra Ferrada, Jericó, Lagoa Cercada...) “cortadas” pelo riacho (Poço do Negro na época, atualmente Riacho da Ema) que divide os município de Serra Talhada-PE e Floresta do Navio-PE, onde, praticamente os meios de transportes eram cavalos, burros, jumentos e bicicletas (motocicleta eram para grandes fazendeiros) e o carro (caminhão) era quase exclusivamente (coletivo) destinado aos sítiantes mediante pagamento para se deslocarem para as cidades citadas em dias de feiras (Segunda e Sexta, Serra Talhada e Floresta, respectivamente), que durante as estiagens (principalmente a de 1993) buscava água em carros de boi no único poço (cacimba) que ainda resistia com água a quilômetros de distância (um pouco mais de 6 km) e que cortava mandacarus e xique-xique e jogava aos animais famintos, logo após queimar os espinhos em fogueira com temperaturas escaldantes.

Chegando a fase da adolescência (estudante de ensino fundamental em Nazaré do Pico e de ensino médio em Floresta do Navio-PE) morando no espaço rural, viu chegar: O transporte para os estudantes do sítio, do qual o presente autor da pesquisa foi beneficiado, as cisternas, que o autor ajudou a cavar o local onde se assentaria o reservatório ao lado da residência, a Operação Carro-Pipa iniciar e encher as cisternas com água do Rio São Francisco e nos períodos de chuva com instalações para tal fim, antenas parabólicas, melhorando o sinal e facilitando o acesso aos canais educativos, agropecuários, de leilões, religiosos, enfim ampliou-se a possibilidade de obter informações. As motocicletas

começaram a se tornar o meio mais utilizado, as casas de taipa gradativamente foram substituídas pelas de alvenaria, a lista continua.

Chegando a fase adulta vivendo na cidade, trabalhando, fazendo faculdade e posteriormente na docência a partir de 2004-5 (até hoje), viu-se na cidade de Serra Talhada: A chegada de diversas instituições de ensino superior, cursinhos pré-vestibulares e cursos técnicos, pois, havia apenas a FAFOPST (Faculdade de Formação de professores de Serra Talhada), ampliando significativamente o leque de cursos para os jovens da região, como: Psicologia, Direito, Medicina, Engenharia, Administração, Contabilidade, Engenharia de Pesca, Economia, só para citar alguns. Grandes empresas do setor comercial investindo na região, assim como a pulverização de micro, pequenas e médias empresas (familiares em grande medida), adutora do Pajeú, trazendo água do São Francisco abastecendo a microrregião, expansão de bairros de classe média a partir de crédito em bancos estatais, bairros populares a partir do projeto Minha Casa, Minha Vida, retirando milhares de famílias do aluguel e conseqüentemente valorizando as mulheres de baixa renda, a Ferrovia transnordestina que corta a microrregião na altura de Serra Talhada.

No meio rural viu-se chegar a internet, conectando os agricultores familiares, as redes sociais e ao mundo instantaneamente, se globalizaram? As diversas políticas públicas de assistência social (Bolsa Família, seguro Safra, Chapéu de Palha, Salário Maternidade) e as aposentadorias melhoraram significativamente a qualidade de vida dos “pajeusenses” do campo, assim como a expansão dos assentamentos rurais, dando acesso a terra aos que antes labutavam apenas em propriedades alheias.

Contudo, muito do que fora exposto sobre as mudanças, não abarcam a metade das metamorfoses reais que o Sertão do Pajeú experimentou nas últimas três, quatro décadas, mudando o retrato social e paisagístico.

Sendo este trabalho uma tentativa de um “sertanejo inquieto” que não aceita mais tais interpretações exclusivas e únicas (do velho Sertão) de uma região que tem apresentado significativas transformações socioeconômicas e espaciais nas últimas décadas e que pouco ou pouquíssimo é evidenciado pelas diversas mídias.

O presente trabalho tomou como lócus investigativo de tais metamorfoses contemporâneas a microrregião do Pajeú, composta por 17 municípios e com uma população correspondente a 19,97% do Sertão. Buscar-se-á compreender como os sertanejos e não-sertanejos percebem a região? Quais transformações estão impactando a microrregião do Pajeú? E de que forma os significados da palavra Sertão “impede” a clareza dos sentidos ou cria um mito de imutabilidade e estaticidade para o espaço geográfico sertanejo e para o tecido social que a ocupa?

21 UM VELHO SERTÃO PERSISTENTE E UM NOVO SERTÃO (DES) CONHECIDO

Inicialmente se fará uma breve análise semântica do significado da palavra Sertão e suas incoerências analíticas aplicáveis a uma complexidade espacial contemporânea. Em seguida, propõe-se uma breve busca na internet sobre o Sertão, na sua forma textual e imagens, quê Sertão a pesquisa obterá?

Pergunta-se, só existe um Sertão nordestino? O Sertão nordestino (a partir da microrregião do Pajeú) pode ser denominado como Sertão? Esse termo contribui para o entendimento regional e sua complexidade? A que serve o uso do termo na contemporaneidade?

2.1 O que é Sertão? Nos dicionários e na internet? Quais imagens veiculadas na internet?

O termo Sertão quanto a sua origem há pesquisadores que indicam para o termo *Muceltão* de origem angolana (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019), que fora abreviado para *celtão* e *certão* (*A posteriori* Sertão) que significa, “lugar interior, local distante do mar” (p. 21), ou ainda, *locus mediterraneus* (FILHO, 2011). Para outros teria o vocábulo sertão origem na língua latina com o vocábulo *desertus*, de interior, coração das terras (FILHO, 2011). Já Gustavo Barroso (1947) sugere que a palavra Sertão derivou de *desertão*, como os portugueses se referiam às regiões despovoadas da África equatorial.

O uso do termo Sertão referindo-se a uma paisagem (natural e social) na literatura faz referência a espaços distantes do litoral e antecede qualquer regionalização de cunho político-administrativo. No entanto, Sertão tornou discursivamente a antítese (LIMA, 2016) do litoral civilizado, do espaço que mantém práticas comerciais, do espaço em que os contatos culturais são mais efetivos, do espaço que o Estado se faz presente, o Sertão é o exato oposto.

No dicionário Aurélio digital (2021) tem as seguintes significações “1 Lugar *agreste* afastado dos pontos cultivados. 2 Floresta longe da costa. 3 [Por Extensão] O interior do país. 4 [Brasil: Nordeste] Zona do interior mais seca que a caatinga”. Os significados no dicionário Aurélio (o mais popular do país) para o Sertão associa-se apenas a origem da palavra e ao Sertão brasileiro dos primeiros séculos, sendo, o Sertão contemporâneo é apenas associado a seca e a Caatinga. A luz da ciência geográfica estão associadas à palavra Sertão incoerências, como no item 1 onde ler-se “[...] afastado dos pontos cultivados”, certamente tal significado tem laços ao período colonial quando os pecuaristas foram obrigados a se distanciarem das lavouras de cana-de-açúcar no litoral, como se não tivessem sido cultivadas lavouras para o consumo local no Sertão desde o início? Também deve-se observar a uma incoerência geográfica no item 4. de explicação dos aspectos físicos, pois, o Sertão em predominância é abrangida pela Caatinga, bioma adaptado ao clima semiárido, induzindo o leitor a relacionar a um clima mais seco que o semiárido?

Pois, mais seco que o clima da Caatinga apenas o árido? Percebe-se claramente uma confusão entre o significado do termo e as condições naturais do Sertão.

Em outro dicionário on-line (Dicionário Priberam da Língua) outros aspectos apresentados ampliam a ideia de Sertão e já citadas no início deste tópico. Descreve o sertão enquanto paisagem da seguinte forma, “1. Lugar *agreste* e inculto, afastado de povoações.2. Floresta no interior de um continente, longe da costa.3. [Brasil] Região pouco povoada do interior do Brasil”, Aqui o distante do litoral, o pouco habitado e interior são destacados, embora, se referindo ao território nacional e não especificando o Nordeste.

No Dicionário Houaiss (2001, p. 712, grifo nosso) a descreve como, “1. região *agreste*, afastada do centro urbano e das terras cultivadas. 2. O interior do país. 3. região pouco povoada do interior do país, zona mais seca que a caatinga. 4. onde permanecem as tradições e costumes antigos”.

Nos significados apresentados pelo dicionário Houaiss também chama a atenção para os costumes e tradições, assim como Câmara Cascudo (1984), que permanecem imutáveis. Uma sentença semântica de prisão ao atraso aos nativos da região (ao menos no significado da palavra)?

Nos três dicionários o termo *agreste* aparece inicialmente para se referir a região (no último) e ao “lugar” e a “região”. No dicionário Priberam (2021) o vocábulo tem os seguintes significados: “Do campo; rústico e rude.2. Desagradável.3. Bravio, inculto. 4. Que não se adapta à domesticidade. 5. Áspero. 6. Camponês”.

O vocábulo *agreste* amplifica a negatividade do termo aplicado na contemporaneidade a um espaço regional? Principalmente se a esse espaço já lhe é atribuído historicamente o termo Sertão, promovendo preconceito regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Ao significado associa-se situações como: selvageria (que não se adapta), analfabetismo (inculto), violência (bravio), arcaico, grosso, sem modos (rude e rústico) e outros que embora não sejam negativos, mas que no entanto generalizam, como camponês, que associa exclusivamente ao rural e a agricultura de subsistência. No entanto, o termo desagradável (item 2) é de fato o termo desagradável ao se referir indiretamente e/ou diretamente a um espaço regional, onde, o apego, o enraizamento e o afeto não se fazem presentes na relação entre homens e o meio. Pesquisas demonstram o contrário (FERRAZ, 2012; 2021; SOUZA SOBRINHO; GOMES DE MORAES, 2016).

As palavras se tornam obsoletas com o tempo e seu uso não contribui de forma alguma para compreender um fenômeno, principalmente se esse fenômeno é dinâmico. Para Bacon o uso incorreto das palavras geram ídolos que são de todos os mais perturbadores (BACON, AF: LIX), pois invadem o intelecto através das palavras distorcendo a realidade (PEREIRA, 2012).

Para Bacon, a linguagem, que deve ser governada e utilizada pelo homem, se converte em uma fecunda criadora de “ídolos”. As palavras chegam a adquirir uma importância exagerada. E as mais importantes discussões

degeneram, frequentemente, em disputas verbais. A linguagem engendra o erro, inventando nomes para coisas que não existem ou aplicando nomes ambíguos ou indeterminados às coisas existentes. (G. FRANCOVICH, 1938, p. 11, grifo nosso)

Pesquisar sobre a região Sertão iniciando pelos seus significados nos dicionários não ajuda nem um pouco a entender o Sertão nordestino e muito menos o povo sertanejo (inculto, bravo, áspero, selvagem?) ou qualquer sertão como representação de espaços interiores do país, no entanto, a pesquisa centraliza suas indagações o Sertão que a partir do século XIX os discursos políticos e literários foi gradativamente capturado (raptado) pelo Nordeste e oficializado na regionalização do Nordeste em sub-regiões em 1969 e dentre elas o Sertão nordestino (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2019).

Poderia-se acreditar que os interiores do território brasileiro dos primeiros séculos de ocupação até recentemente nas primeiras décadas da segunda metade do século XX poderia existir um Sertão (literalmente) brasileiro e nordestino (como apontam o seu significado), no entanto, aquele Sertão pouco a pouco divide espaço com novas territorialidades, (agricultura irrigável, assentamentos rurais, com novas relações sociais, com novas práticas econômicas, com novas espacialidades). Um Sertão que nos atrevemos e chamaremos de Novo? A pesquisa buscará descrever esse Sertão.

Os homens que assim a denominou no passado longínquo estão perdoados, mas os homens contemporâneos não, se continuarem a aceitar um termo que inferioriza, generaliza e “petrifica” uma sub-região inteira.

2.2 O que o brasileiro encontra sobre o Sertão na internet nos sites de busca? Efeito Medusa

Para elaborar o presente tópico fez uma breve busca no *Google* identificando as palavras associadas ao termo Sertão. O objetivo é identificar como os não sertanejos terão uma primeira impressão sobre o Sertão por meio da internet que hoje é indiscutivelmente a principal fonte de pesquisas. Foram buscados principalmente os sites de conteúdo educativo, como: infoescola, wikipedia, mundoeducacao.uol, todamateria e escola.britannica, por serem estes os mais visitados pelos diversos usuários (estudantes, “professores”, turistas ou apenas pessoas que buscam informações). Os trechos introdutórios a seguir dos sites (grifos nossos) caracterizam o Sertão para quem busca informação, veja-se a seguir.

1.O sertão nordestino, também conhecido como sertão, é uma das quatro sub-regiões da Região Nordeste do Brasil, sendo a maior delas em área territorial. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

2. Sertão é o nome que se dá a uma região agreste, do interior do país, distante dos centros urbanos. E quem vive no sertão é chamado “sertanejo”. (<https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860>).

3. O Sertão Nordestino é uma região que compreende a parte mais interior de praticamente todos os estados da região nordeste brasileira. Usualmente, a denominação de “sertão nordestino” é dada às regiões interioranas, onde

se concentram algumas das cidades com maiores índices de desigualdade social do país, além de baixíssimos indicadores de desenvolvimento sócio-econômico. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)

No início dos textos on-line percebe-se destaque dado a localização geográfica, ao clima semiárido, aos escassos recursos hídricos, as desigualdades sociais, a situação de interioridade. Enfim, características destacadas de um Sertão imutável. Sobre o sertanejo ou informações que remeta aos indivíduos nativos nos *sites* (grifos nosso) indicados o descreve principalmente pelo prisma da pobreza e das dificuldades, sendo.

1. Nesse cenário pouco amigável, o sertanejo vive de maneira austera. Caracterizado como homem de poucas palavras, vive em uma terra de mitos e de solidão. R(<https://escola.britannica.com.br/artigo/sert%C3%A3o/487860>)
2. Porém, vale ressaltar que a região apresenta um dos maiores índices de desigualdades sociais e econômicas do Brasil. Problemas como a fome, má distribuição de renda, miséria e êxodo rural são recorrentes, sobretudo, nas cidades do interior do sertão. (<https://www.todamateria.com.br/sertao/>)
3. A criação de gado avançou pelo sertão e até hoje é uma das principais atividades da região e, embora incipiente se comparada às regiões centro-oeste e sul, caracteriza o modo ser do sertanejo nordestino. (<https://www.infoescola.com/geografia/sertao-nordestino/>)
4. Muito embora não seja divulgado na grande mídia, a região do sertão é farta no tocante à cultura da poesia popular. É imensa a quantidade de pessoas com habilidade na arte da rima e no improvisar de versos. Através desses repentista. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino).

O sertanejo ainda é visto dentro de uma temporalidade congelada ou petrificada (como se sertão e o sertanejo tivesse olhado para a medusa) como se este ator social fosse inatingível por qualquer mudança cultural, econômica, política e psicológica. Pois, este ator social é compreendido como miserável, faminto, analfabeto, retirante e de “poucas palavras”. Apenas no Wikipedia destaca o lado criativo e artístico do sertanejo. A situação piora quando se faz uma busca por imagens do Sertão. É de assustar a imutabilidade imagética dessa região.

2.3 Navegando em um mar de imagens petrificantes

Em buscas por imagens (o método de seleção das imagens para este texto foi pautado nas primeiras imagens encontradas no sites de busca do Google, tendo as palavras-chave (texto): Sertão nordestino, povo sertanejo e habitações sertanejas). Os “pesquisadores” (de internet) terão no Sertão nordestino um espaço de vazios demográficos, de paisagens secas dominadas por cactáceas e arbustos com galhos sem folhagem, de solos rachados e pedregosos. Quanto às habitações sertanejas apresentadas serão apenas imagens de casas de barro, como representação da pobreza vivenciada pelas famílias que as ocupam (na maioria). Na busca por povo sertanejo, encontra-se como destaque o homem do campo, de vestimentas simples e velhas, esguio, de pele enrugada e com indumentárias

regionais de vaqueiros. Veja-se a seguir as três primeiras imagens quando procuradas pelas palavras-chave.



Foto 1: Sertão nordestino

Foto 2: Povo sertanejo

Foto 3: Habitações no Sertão

Fonte: Google Imagens

Após “vislumbrar” tais imagens os “pesquisadores” reforçam imagetivamente um “Sertão”, que embora exista, inclusive na microrregião destacada nesse estudo desmistificador, contudo, não é exclusivo e muito menos hegemônico espacialmente, economicamente e culturalmente. A busca realizada em outros sites de busca (Yahoo, Bing, Ask, DuckDuckGo,...) não são diferentes os resultados, mudam as primeiras imagens (e textos), mas o cenário desolador continua por minutos de rolagem.

O que tem escrito e imagens do Sertão na internet? E ainda na música, na pintura e no cinema é de qual Sertão? Acompanhou as transformações sofridas por esta região nas últimas décadas?

Precisa-se de “Perseus” para cortar a cabeça da Medusa e “despetrificar” o Sertão e o sertanejo dessa imagem única e exclusiva.

3 | SERTÃO DO PAJEÚ: 30 ANOS DE TRANSFORMAÇÕES

Pernambuco se divide 5 mesorregiões que se divide em 19 microrregiões, 2 mesorregiões sertanejas, a do São Francisco e o Sertão pernambucano, que se divide 6 microrregiões. O Sertão Pernambucano divide-se em 4 microrregiões (Araripe, Moxotó, Salgueiro e Pajeú).

A Microrregião do Pajeú é composta por 17 municípios. A microrregião “[...] é detentora de uma área territorial de aproximadamente 13.350,30 km², que corresponde a 14,04% do Sertão de Pernambuco” (VERSYPLEP; ET AL, 2015, p. 19) e com uma população em 2010 de 314.603 e estimativa de 331.416 em 2018 (IBGE, 2010; 2018, *Apud* ETENE-BNB, 2019). Percebe-se que houve aumento demográfico no período. A seguir figura com os municípios da microrregião.

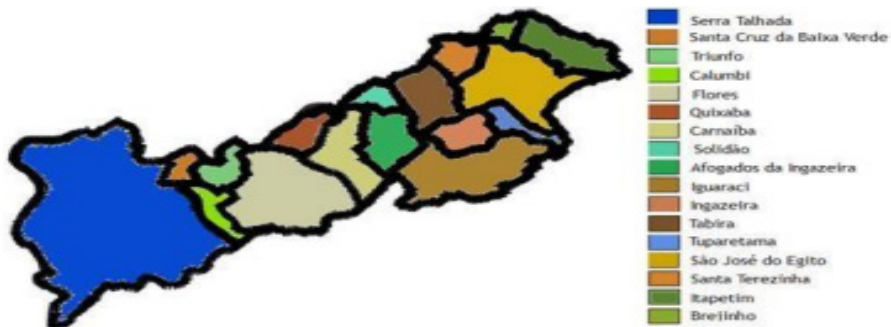


Figura 1: Municípios da microrregião Pajeú.

Fonte: Versyple e et al, 2015, p. 18.

A microrregião do Pajeú quanto a urbanização só recentemente o território tornou-se urbano (quando a população urbana ultrapassa a rural), pois, era de 46,3% em 1991, 55,8% em 2000 e 63,5% em 2010 (IBGE, 2010). . Sendo Tuparetama o município que apresenta a maior taxa de população urbana com 80,1%, acompanhado por Afogados da Ingazeira com 78,1% e Serra Talhada com 77,3%. O município que apresenta a menor taxa é Solidão com 31,9 %, seguido por Quixaba com 37,0% e Calumbi com 38,6% (IBGE, 2010). Dos 17 municípios, 10 já tem população predominantemente urbana.

Dos 7 municípios rurais 4 estão em vias de se urbanizarem com médias acima de 40% da população vivendo nas cidades em 2010, acredita-se que o censo de 2022 traga um aumento de municípios urbanos na microrregião.

Quanto às taxas de analfabetismo verifica-se que vem ocorrendo ampla redução em todos os municípios da microrregião de 1991 a 2010. Em 1991 o analfabetismo variava em média de 44% da população e em 2010 caiu para 25% da população, queda de 19%. No entanto, bem acima da média nacional 9,6% e em Pernambuco de 18% (PNUD, 2013). O município com menor taxa de analfabetismo em 2010 era Triunfo com 17% seguido por Serra Talhada com 21% e o município que apresentava a maior taxa entre os municípios era Flores com 32,9% acompanhado por Calumbi com 32,6% da população.

Consequentemente ocorreu aumento da escolaridade média em todos os municípios (tempo médio de estudo) em todos os níveis de escolaridade (fundamental, ensino médio e superior) (IBGE, 2010). Quanto ao acesso à educação superior os municípios apresentaram média de 1,7% em 1991 e em 2010 subiu para 3,9% da população microrregional, um aumento de 2,2% (IBGE, 2010; PNUD, 2013; ETENE-BNB, 2019). O município que apresentou a maior taxa na população com ensino superior em 2010 foi Afogados da Ingazeira (6,4%) acompanhado por Triunfo (6,2%) e Serra Talhada (5,3%). E as menores taxas ocorreram nos municípios de Calumbi (2,2%) e Quixaba com 2,6% (IBID, 2019).

Em ampla relação com a escolaridade média tem-se a renda média e o grau de vulnerabilidade à pobreza. E na microrregião do Pajeú observa-se aumento da renda média

e redução da vulnerabilidade social a pobreza. Como pode ser observado no quadro a seguir.

Renda Média	1991= R\$ 67,00	2010= R\$ 116,00
Vulnerabilidade à pobreza	1991= 92%	2010=67%

Quadro 1- Renda média e média de vulnerabilidade à pobreza na microrregião do Pajeú

Fonte: IBGE, 2010 (organizado pelo autor)

Os dados médios apresentados no quadro 1, demonstram o aumento da renda em 49 reais e a redução da vulnerabilidade à pobreza em 25% da população, resultando no período em melhoria da qualidade de vida dos pajeusenses. Que novas espacialidades territoriais são resultantes dessas mudanças? Que novas relações sociais e culturais podem ser percebidas na atualidade? Em resumo, que mudanças materiais e imateriais passam a compor a microrregião do Pajeú? É o que propõe a atual pesquisa, compreendê-las.

3.4 Sertão (do Pajeú): da opacidade a luminosidade territorial

Tomando-se o Sertão do Pajeú como referência socioespacial no presente trabalho verifica-se que está microrregião encontra-se em trânsito da *opacidade* para a luminosidade geográfica. Para Etges e Carissimi (2014) “uma forma eficaz de interpretar o território e suas particularidades regionais consiste na análise da distribuição territorial dos instrumentos técnicos, científicos e informacionais de que se dispõe” (p. 2). Milton Santos e Maria Laura Silveira (2008) define nos seguintes termos a opacidade e a luminosidade dos territórios.

[...] aqueles territórios que acumulam densidades técnicas e informacionais e, portanto, se tornam mais aptos a atrair atividades econômicas, capitais, tecnologia e organização são denominados territórios luminosos. Os territórios em que estas características não estão presentes são chamados de territórios opacos (p. 264).

Empresas privadas de médio (eletrodomésticos, vestuários, móveis, segurança, educação, tecnologia...) e grande porte (distribuidoras de material de construção, de vidros, de alimentos...), empresas públicas (distribuição de energia, de água, espaços de ensino técnico, setor financeiro...), universidades, faculdades, centros médicos, telefonia móvel, bancos e financeiras, shopping, hotelaria, aeroporto, indústrias de setores diversos (cimento, alimentos, têmpera de vidros, móveis,...) espaços rurais irrigados e de produção comercial, chácaras, condomínios rurais, espaços rurais de produção de orgânicos voltadas ao comércio... concentram e dinamizam o *meio técnico-científico-informacional*, nas últimas 3 a 4 décadas em expansão no Sertão do Pajeú. Atraindo exponencialmente novos empreendimentos na região, em especial no maior polo da microrregião, Serra Talhada. Assim, afirmam Santos e Silveira (IBID), “os espaços luminosos, pela sua consistência

técnica e política, seriam os mais suscetíveis de participar de regularidades e de uma lógica obediente aos interesses das maiores empresas” (p. 264).

A expansão desse meio-técnico-científico convive com espaços opacos (FERRAZ, 2011; 2022), que quase nada avançou (minifúndios e latifúndios improdutivos, com nenhuma ou reduzida produção) e se integrou ao sistema-mundo global, onde, a engenharia moderna pouco transformou. Contudo, esses espaços (do velho Sertão) há muito não são mais hegemônicos territorialmente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Miséria, isolamento, fome, abandono, seca e morte, palavras que historicamente caracterizam o Sertão nordestino (ampliando-se a todo o Nordeste tais características) na contemporaneidade deve-se revisar tal forma exclusiva de compreensão de uma região tão extensa e complexa. O texto se propõe partindo das transformações recentes na microrregião (parte da região intermediária de Serra Talhada conforme regionalização do IBGE de 2017) do Sertão do Pajeú, incentivar e ampliar para as demais regiões geográficas releituras por cientistas sociais, produtores culturais, jornalistas, e traçar um perfil complexo e dinâmico para um espaço que foi e é estigmatizado pelos brasileiros que pouco conhece a realidade hodierna do Sertão. Reafirma-se que o presente trabalho não tem interesse nenhum de afirmar que velhas mazelas foram extintas, não mesmo, objetiva na verdade evidenciar um outro Sertão, um novo Sertão, mutável, resiliente (e que progride) e que acima de tudo é incorporado às dinâmicas do capital globalizante com todas as positivities e principalmente as negatividades desse processo, construindo territórios luminosos e tornando outros opacos. Espaços técnicos-científicos-informacionais se ampliam determinando as dinâmicas urbanas (e até rurais, a exemplo do vale do São Francisco). Este trabalho que não se alinha a nenhuma leitura exclusiva de um ramo científico, mas, percebe que todas as ciências devem unir forças para “desestigmatizar” uma construção secular. O chamado é para todos que queiram fazer o papel de Perseu, que estejam dispostos a cortar a cabeça da medusa e despetrificar o Sertão.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O Rapto do Sertão: A captura do conceito de Sertão pelo discurso regionalista nordestino**. Revista Observatório Itaú Cultural. N. 25, São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf>. Acesso em: 27 de Dezembro de 2021.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BACON, Francis. **Novum Organum, ou, Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida**. 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARROSO, Gustavo. **Praias e várzeas: alma sertaneja**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

ETENE-BNB. **Informações Socioeconômicas, território: Sertão do Pajeú**. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/5242186/PE++Sert%C3%A3o+do+Paje%C3%BA++2019.pdf/a6ace7d4-7319-a92d-0f0a-dcb043afd10a>. Acesso em: 18 de Dezembro de 2021.

ETGES, Virginia Elisabeta *et al.* **Territórios luminosos e territórios opacos** - Uma análise à luz das contribuições de Milton Santos. REDES. Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 44-64, 2014.

FERRAZ, Ednaldo Emílio. **Do meu Sertão nem Morto: Uma relação de topofilia em um Sertão em retração**. Anais Eletrônicos do VI Colóquio de História “Fases da cultura na História: 100 anos de Luiz Gonzaga. Recife: UNICAP, 2012. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/?page_id=46. Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

_____. **Do meu lugar nem morto (parte 2): Uma relação de topofilia - em situação oposta (“inverno”)**. Contemporaneidades: URCA, 2020. Disponível em: <https://contemporaneidadesurca.wordpress.com/sala-nisia-floresta/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2021.

FRANCOVICH, Guillermo. **Os Ídolos de Bacon**. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1938.

FILHO, Fadel David Antônio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)**. Ciência Geográfica, Bauru- XV -(1): Janeiro/Dezembro, 2011. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versoa_internet/AGB_dez2011_11.pdf . Acesso em: 4 de Novembro de 2021.

LIMA, Camila Teixeira. **Sertões e as Veredas da Modernização Nacional** (In Pelo Sertão, o Brasil). Macapá: UNIFAP, 2016.

PNUD. **Atlas do desenvolvimento humano. Brasília: PNUD, IPEA, FJP, 2021**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/pt/download/>. Acesso em: 28 de dezembro de 2021.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SERTÃO. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/Sert%C3%A3o>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

SERTÃO. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/sertao/>. Acesso em: 22 dezembro de 2021.

SERTÃO NORDESTINO. Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sert%C3%A3o_nordestino, Acesso em: 18 dezembro de 2021.

SERTÃO, Mundo e Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/sertao.htm>. Acesso em: 25 de dezembro de 2021.

SERTÃO. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/>. Acesso em: 26 de dezembro de 2021.

SERTÃO, Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sertao/>. Acesso em: 27 de dezembro de 2021.

SOUZA SOBRINHO, Alexandre Machado Marques de; GOMES DE MORAES, Juliana. **Juventude no Campo: O contexto da Permanência no Sertão do Pajeú**. Revista Científica Rural Urbano. Recife. V. 01. p. 131-135, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/article/view/241015>. Acesso em: dezembro de 2021.

VERSYPLEP, Nina Iris ET AL. **Microrregião Pajeú: economia, clima e desenvolvimento da agricultura**. Revista GEAMA, Recife, v.1, n.1, março de 2015. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/indooex.php/geama/article/view/478>. Acesso em: Novembro de 2021.

HÉLIO FERNANDO LÔBO NOGUEIRA DA GAMA - Possui Bacharelado em Ciências Sociais / Sociologia pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília - UnB (1983); Especialização em Ciências Sociais / Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - UFBA (1985); Mestrado em Sociologia / Estado e Sociedade - Departamento de Sociologia da UnB (1999); Doutorado em Sociologia / Estudos Comparados sobre América Latina e Caribe - Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UnB (2005); e cumpriu o Plano de Trabalho de sua Licença Sabática junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA (2019). É Docente Universitário (1986-) na área de Ciências Sociais / Sociologia, com ênfase em Lógica da Investigação Científica, tendo sido agraciado com os títulos honoríficos de Professor Homenageado (1995, 2014 e 2019), Paraninfo (2019) e outorgado com Medalha de Mérito (2006). Atuou como Especialista (1986-1987) e Consultor em Assuntos Educacionais (2005). Exerceu cargos de Gestão em Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente: Chefe do Serviço de Cooperação e Fomento (1995-1996) e da Assessoria de Planejamento (1996-1997) da Secretaria do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia - SEMATEC do Governo do Distrito Federal - GDF; Chefe de Gabinete do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente - IEMA, Coordenador do Programa de Qualidade Ambiental ISO 14000 do Distrito Federal e da Coordenação de Planejamento Integrado e Articulação Administrativa SEMATEC - IEMA (1997-1998); além de ter exercido a função de Secretário do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Substituto) do GDF (1998). Autor e Organizador de vários livros como "Turismo e Sustentabilidade: Um olhar sociológico sobre os lugares Ponta do Corumbau, Brasil, e Havana, Cuba"; "Ecocapitalismo e Sustentabilidade: Empresas no Brasil e ISO 14001"; "I Seminário de Qualidade Ambiental ISO 14000 do Distrito Federal"; e "A Sociologia e as Organizações Sociais 2". Possui dezenas de obras publicadas como capítulos de livros, artigos em periódicos, trabalhos em anais de eventos no Brasil e exterior, além de cursos à distância de formação de professores. Pesquisador em Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Sociedade; Epistemologia e Sociologia do Turismo. Professor Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil.

A

Anatomias emergentes 22

B

Barca de São Pedro 28

Bens materiais 4

Bloco histórico 1, 3, 4, 10, 11, 12

C

Cidadania 3

Classes sociais 1, 3, 4

Consumo 10, 14, 15, 19, 21, 22, 25, 45

Corpolatria 26

Corpo social 14

Cultura High-Tech 21

D

Democracia 3

Desenvolvimento social 19, 26

Desigualdades sociais 48

Desportivização 16

Dialética 1, 3, 5, 10, 11, 12

E

Educação 4, 10, 14, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 50, 51, 53, 56

Efeito Medusa 41, 47

Ensino médio 43, 50

Escola católica 28, 32, 33

Esporte 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Esportivização 14, 16

Estamentais 7

Estrutura social 1, 3, 4, 11

F

Forças produtivas 4, 5, 8

G

Ginástica 15, 17, 22

I

- Ideologia 4, 5, 6, 10, 12, 27
- Imagens petrificantes 48
- Imutabilidade imagética 48
- Indústria cultural 10
- Infraestrutura econômica 5, 9, 10

L

- Lazer 15, 18, 19, 21, 26

M

- Mercadoria 14, 19, 20, 22, 26
- Mito de imutabilidade e estaticidade 44
- Modo de produção 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12
- Mundo virtual 10, 22

O

- Organizacional e informacional 10

P

- Padrões estéticos 14, 21, 22

R

- Redes sociais 10, 22, 44
- Reificação do corpo 26
- Relações sociais de produção 4
- Retrato social e paisagístico 44

S

- Sertão 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54
- Sertão do Pajeú 41, 42, 44, 49, 51, 52, 53, 54
- Situação de interioridade 48
- Sociedade da ostentação 21
- Socio-histórico 1, 2, 3, 10, 11
- Superestrutura ideológica 10

T

- Tecidos societários pré-capitalistas 7
- Territórios luminosos 51, 53

Territórios opacos 51, 53


Tipo ideal 10


Transformações 7, 8, 16, 41, 44, 49, 52





A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br


 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)


 www.facebook.com/atenaeditora.com.br





A SOCIOLOGIA

e as formações sociais 2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br